

ESPECIAL



Festa Literária
do Medianeira



Hadna Abreu

COLÉGIO
Medianeira



Rede Jesuíta
de Educação

RelevO

PARANÁ | OUTUBRO DE 2013 | EDIÇÃO III | ANO IV

EDITORIAL

Iara Amaral é designer editorial.

iara.marins.amaral@gmail.com

Pryscila Vieira é cartunista. Nascida em Curitiba, mora atualmente em Ponta Grossa.

Hadna Abreu é artista plástica manauara.

Ricardo Pozzo é escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Ricardo Corona é poeta e editor.

Marcelo Sandmann é professor universitário, escritor e compositor.

Ilan Bremnan é escritor de livros infantis com Mestrado e Doutorado em Educação pela USP.

Paulo Venturelli é escritor catarinense radicado em Curitiba, formado em Letras pela UFPR e Doutorado pela USP.

Luiz Andrioli é escritor, jornalista e roteirista.

Daniel Zanella é cronista, editor do RelevO e cursa 8º período de Jornalismo na UP.

Escreve no Cenas Urbanas, blog do portal da Gazeta do Povo.

Daniel Galera é escritor e tradutor paulista.

Mateus Ribeirete, 21, é revisor dos outros.

Publica seus trabalhos no endereço imagemperdida.blogspot.com.

Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista gaúcha.

A FLIM – Festa Literária do Medianeira – já pode ser considerada um dos principais eventos do circuito cultural de Curitiba. Antes de mais nada, a Festa busca trazer à cidade um recorte de escritores locais e nacionais com trabalho representativo em suas áreas, capazes de trazer ao público leitor as discussões mais importantes que movem a literatura e sua difícil relação com a sociedade – um país que ainda engatinha em sua consolidação cultural e sofre com índices baixos de leitura e analfabetismo crônico.

É domínio público de que não há país desenvolvido – com níveis satisfatórios de bem-estar social e índices aceitáveis de desenvolvimento humano – que não tenha passado pela porta das bibliotecas, pelas páginas dos livros. Curiosamente, em um mundo que apregoa o utilitarismo como finalidade das nossas condutas, temos um elemento coincidente que é visto por muitos como inútil, mas perpassa a história dos povos que conseguiram autonomia no pensamento e apropriação de seus destinos: a leitura.

Esta edição especial do RelevO, em conjunto com o Colégio Medianeira, tem alguns objetivos importantes: apresentar uma pequena fatia do trabalho dos autores contemporâneos que integrarão a programação da FLIM, mostrar um tanto de suas vozes, particularidades, idiossincrasias, trazer o público para dentro de suas obras e também retirar os autores, em muitos casos, de seu mercado seletivo para apresentá-los a um novo público.

Para Cezar Tridapalli, coordenador de Mida-educação do Medianeira e curador da FLIM, essa ampliação dos modos de ver, apreender e recriar realidades por meio da leitura é uma das maiores ambições que uma instituição de ensino deve ter. E a FLIM surge para contribuir com isso.

Esperamos que você goste de nossas letras e partilhe um pouco deste universo que o escritor Lúcio Cardoso dizia, em seu *Diário Completo*, não se tratar de fábula, mas de uma condição de vida.

Uma boa leitura a todos.

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeirete

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 10 de outubro

Contato

- twitter.com/jornalrelevo

Facebook: [Jornal Relevo](https://www.facebook.com/jornalrelevo)

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

colegiomedianeira.com.br

Facebook: [Colégio Medianeira](https://www.facebook.com/colegio.medianeira)

Capa da edição: Hadna Abreu

hadnabreu@gmail.com

Aracnídea

Subcutânea
aranha
ferina

introduz,
em veia
bailarina,

poção

contra -
indicada
às cicatrizes

& queimaduras,

e
teu rosto
resplandece
feito Luas,

anti-
eclipse,
razão
erradicada.

Ricardo Pozzo

*O que sente a nuvem
quando se torna
lágrima no olho da noite?*

Enquanto eu, que não conheço seu se-
creto nome, peço ao vento, deus da solidão,
que lhe faça um carinho, porque você havia me
olhado com tanta verdade, que então até a ver-
dade me olhou e imediatamente fixou minha
imagem nas páginas do tempo.



Ricardo Corona

via láctea via língua

eis minha viagem

o quasar mais além

vai estar quase ali

o planeta terra

pingo no meu i

ponto na frase que se encerra

TUNGUSO-MANCHURIANA

o dançarino rubro
exibe chifres azuis chama

para o círculo

o xamã acende
o grande olho da tribo

NASCEM FLORES COM O TEMPO

To create a little flower is the labour of ages.
WILLIAM BLAKE

sentir, eu sei, tem seu preço

dores prazeres amores

nunca erram meu endereço

a vida me quer sentindo

à flor da pele desde o começo

sentir, eu sentirei até o fim

nascem flores com o tempo

flores no vaso é com vocês

eu vou regar um jardim

NO LUGAR QUE NÃO SE RESPIRA

um livro feito de água
é perfeito
porque não se pode
guardar

suas páginas líquidas
translúcidas
vêm dos anfíbios-hieróglifos que dizem não
à luz
não hesitam ao eterno eclipse
de um céu aquoso

de lá vem as imagens do livro
que não é um livro de arte

um livro feito de água não se quer eterno
(sequer existe)
mas um ser vivo (um peixe é um livro)
na diversidade que adensa a unidade
no lugar que não se respira
ar

SOLIDÃO E TEMPESTADE NO MIRANTE

(caderno juvenil de caligrafia com dialeto flutuante nas ondas e nos sonhos esticados na linha do horizonte sob um céu cinza com mancha de Iberê acima da massa móvel enfurecida ensandecida de cruel açoite-sal e na encosta há turistas com medo da escama reluzente do anfíbio ou do carinho à queima-roupa da medusa ou do cardume ignoto de brilho metálico que abana a cauda em pleno vôo depois do último naco de nuvem metamorfosear-se em ser mitológico para fundir-se às espumas espermas de Münch e uma ninfa montada numa água d'água) DE JACK KEROUAC.

ÁRVORE DE TARKÓVSKI

árvore vórtice, artérias
secas sob um céu cego
em frente à casa
que guarda amor
sob vôo de avião b52
grávido de mísseis

Os poemas acima foram publicados no livro *Cinemaginário* (SP, Iluminuras, 1999) e *Amphibia* (Portugal, Cosmorama, 2008)

Os poemas acima foram publicados em *Corpo sutil* (SP, Iluminuras, 2005) e em *Amphibia* (Portugal, Cosmorama, 2008)

PRIMEIRO (E ÚLTIMO) SONETO BOLORENTO

Poema integrante de Lírico Rinitente, da editora 7 Letras, de 2000.

Releva este silêncio distraído,
meu amigo, com que hoje te recebo.
Sei o semblante que terás trazido,
malgrado o muito pouco que percebo.

O olho cego, o ouvido empedernido,
a mão teimosa no que copo em que bebo,
o corpo a gosto todo constringido,
já nada resta do homem que concebo.

Já nada resta da antiga aspereza
que nos fazia as horas comoventes,
que nos fazia as razias danadas.

Senta logo à minha mesa:
vamos brindar os ossos renitentes,
vamos beber às almas devastadas

Marcelo Sandmann



Barba ensopada de sangue

Abertura do romance homônimo publicado pela Companhia das Letras em 2013.

Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca. Seus olhos percorrem todos os quadrantes des se rosto no intervalo de uma respiração e ele pode jurar que nunca viu essa pessoa na vida, mas sabe que é seu pai porque ninguém mais mora nessa casa desse sítio em Viamão e porque ao lado direito do homem sentado na poltrona está deitada de cabeça erguida a cadela azulada que o acompanha faz muitos anos.

Que cara é essa?

O pai só esboça sorriso, a piada é velha, dá a resposta usual.

A mesma de sempre.

Agora ele repara em suas roupas, uma calça de alfaiataria cinza-escuro e uma camisa azul de mangas compridas arregaçadas até os cotovelos, molhada de suor debaixo dos braços e acima da barriga redonda, nas sandálias que parecem ter sido escolhidas à força, como se apenas o calor o



tivesse impedido de calçar sapatos de couro, e também na garrafa de conhaque francês e no revólver que descansam sobre a mesinha ao lado da poltrona reclinável.

Senta aí, diz o pai, acenando com a cabeça para o sofá branco de dois lugares, imitação de couro.

É início de fevereiro e, independente do que alegam os termômetros, a sensação térmica em Porto Alegre e arredores está acima dos quarenta graus. Ao chegar viu que os dois ipês que montam guarda em frente à casa estavam carregados de folhas e padeciam no ar parado. Na última vez em que esteve aqui, ainda na primavera, suas copas floridas de roxo e amarelo tremiam no vento frio. Ainda dentro do carro passou pela parreira cultivada à esquerda da casa e avistou numerosos cachos de uvas miúdas.

Dava para imaginá-las transpirando açúcar após meses de seca e calor. O sítio não tinha mudado na da nesses poucos meses, nunca mudava, um retângulo plano tomado de capim à beira da estrada de terra, com o campinho de futebol jamais utilizado entregue ao desleixo habitual, os latidos irritantes do outro cão na rua, a porta da casa aberta.

Cadê a caminhonete?

Vendi.

Por que tem um revólver na mesinha?

É uma pistola.

Por que tem uma pistola na mesinha?

A menina quebrada

Texto integrante de *A Menina Quebrada e Outras Colunas*, da Editora Arquipelago, de 2013

Era uma festa. Comemorávamos a vinda de um bebê que ainda morava na barriga da mãe. Eu havia acabado de segurá-la para que ela passasse a pequena mão na água da fonte do jardim. Ela tentava colocar o dedo gorducho no buraco para que a água se espalhasse, como tinha visto uma criança mais velha fazer. Parecia encantada com a possibilidade de controlar a água. Tem 1 ano e oito meses, cabelos cacheados que lhe dão uma aparência de anjo barroco e uns olhos arregalados. Com olheiras, Catarina é um bebê com olheiras, embora durma bem e muito. De repente, ela enrijeceu o corpo e deu um grito: “A menina.... A menina.... Quebrou”.

Era um grito de horror. O primeiro que eu ouvia dela. Animação, manha, dor física, tudo isso eu já tinha ouvido de sua boca bonita. Aquele era um grito diferente. Não parecia um tom que se pudesse esperar de alguém que ainda precisava se esforçar para falar frases completas. Catarina estava aterrorizada. “A menina... A menina...” Ela continuava repetindo. Olhei para os lados e demorei um pouco a enxergar o que ela tinha visto em meio à tanta gente. Uma garota, de uns 10, 12 anos, talvez, com uma perna engessada. “Quebrou...” Catarina repetia. “A menina... quebrou.”

Ela não olhava para mim, como costuma fazer quando espera que eu esclareça alguma novidade do mundo. Era mais uma denúncia. Pelo resto da festa, ela gritou a mesma frase, no mesmo tom aterrorizado, sempre que a menina quebrada passava por perto. Nos aproximamos da garota, para que Catarina pudesse ver que ela parecia bem, e que os amigos se divertiam escrevendo e desenhando coisas no gesso, mas nada parecia diminuir o seu horror. Os adultos próximos tentaram explicar a ela que era algo passageiro. Mas ela não acreditava. Naquele sábado de janeiro Catarina descobriu que as pessoas quebravam.

Eu a peguei, olhei bem para ela, olho no olho, e tentei usar minha suposta credibilidade de madrinha: “A

menina caiu, a perna quebrou, agora a perna está colando, e depois ela vai voltar a ser como antes”. Catarina me olhou com os olhos escancarados, e eu tive a certeza de que ela não acreditava. Ficamos nos encarando, em silêncio, e ela deve ter visto um pouco de vergonha no assoalho dos meus olhos. Era a primeira vez que eu mentia pra ela. E dali em diante, ela talvez intuisse, as mentiras não cessariam. Naquela noite, depois da festa, fui dormir envergonhada.

O que eu poderia dizer a você, Catarina? A verdade? A verdade você já sabia, você tinha acabado de descobrir. As pessoas quebram. Até as meninas quebram. E, se as meninas quebram, você também pode quebrar. E vai, Catarina. Vai quebrar. Talvez não a perna, mas outras partes de você. Membros invisíveis podem fraturar em tantos pedaços quanto uma perna ou um braço. E doer muito mais. E doem mais quando são outros que quebram você, às vezes pelas suas costas, em outras fazendo um afago, em geral contando mentiras ou inventando verdades. Gente cheia de medo, Catarina, que tem tanto pavor de quebrar, que quebram outros para manter a ilusão de que são indestrutíveis e podem controlar o curso da vida. E dão nomes mais palatáveis para a inveja e para o ódio que os queima. Mas à noite, Catarina, à noite, eles sabem.

E, Catarina, você tem toda a razão de duvidar. Depois de quebrar, nunca mais voltamos a ser como antes. Haverá sempre uma marca que será tão você quanto o tanto de você que ainda não quebrou. Viver, Catarina, é rearranjar nossos cacos e dar sentido aos nossos pedaços, os novos e os velhos, já que não existe a possibilidade de colar o que foi quebrado e continuar como era antes. E isso é mais difícil do que aprender a andar e a falar. Isso é mais difícil do que qualquer uma das grandes aventuras contadas em livros e filmes. Isso é mais difícil do que qualquer outra coisa que você fará.

Existe gente, Catarina, que não

consegue dar sentido, ou acha que os farelos de sentido que consegue escavar das pedras são insuficientes para justificar uma vida humana, e quebra. Quebra por inteiro. Estes você precisa respeitar, porque sofrem de delicadeza. E existe gente, Catarina, que só é capaz de dar um sentido bem pequenino, um sentido de papel, que pode ser derrubado mesmo com uma brisa. E essa brisa, Catarina, não pode ser soprada pela sua boca. Ser forte, Catarina, não é quebrar os outros, mas saber-se quebrado. É ser capaz de cuidar de seus barcos de papel – e também dos barcos dos outros – não como uma criança que os imagina poderosos, de aço. Mas sabendo que são de papel e que podem afundar de repente.

Não, acho que eu não poderia ter dito isso a você, Catarina. Não naquela noite, não agora. Ao lhe assegurar, cheia de autoridade de adulto, que tudo estava bem com a menina quebrada, com qualquer e com todas as meninas quebradas, o que eu dei a você foi um vislumbre da minha abissal fragilidade. Esta, Catarina, é uma verdade entre as tantas mentiras que lhe contei, ao tentar fazer com que acreditasse que eu seria capaz de proteger você. Vai chegar um momento, se é que já não houve, em que você vai olhar para todos nós, seus pais, seus “dindos”, seus avós e tios, e vai perceber que nós todos vivemos em cacos. E eu espero que você possa nos amar mais por isso.

Essa conversa, Catarina, está apenas adiada. Talvez, daqui a alguns anos, você precise me perguntar como se faz para viver quebrada. Ou por que vale a pena viver, mesmo se sabendo quebrada. E eu vou lhe contar uma história. Ela aconteceu alguns dias depois daquela festa em que você descobriu que até as meninas quebram. Nós estávamos na fila do caixa do supermercado perto de casa, com uma cesta cheia de compras, e havia um homem atrás de nós. Era um homem vestido com roupas velhas e sujas, parte delas quase farrapos. E ele cheirava mal. Poderia ser alguém que dorme na rua, ou

alguém que se perdeu na rua por uns tempos. Ficamos com medo de que o segurança do supermercado tentasse tirá-lo dali, ou que a caixa o tratasse com rispidez, ou que as outras pessoas na fila comessem a demonstrar seu desconforto, como sabemos que acontece e que jamais poderia acontecer. Enquanto pensávamos nisso, ele nos abordou. E pediu, com toda a educação, mas com os olhos dolorosamente baixos: “Por favor, será que eu poderia passar na frente, porque tenho pouca coisa?”

Quando lhe demos passagem, vimos que o homem não tinha pouca coisa. Ele só tinha uma. Sabe o que era, Catarina?

Um sabonete. Era o que havia entre as mãos de unhas compridas e sujas, junto com algumas moedas e notas amassadas, como em geral são as notas que valem pouco. Aquele homem, que parecia ter perdido quase tudo, aquele homem talvez ainda mais quebrado que a maioria, porque tinha perdido também a possibilidade de esconder suas fraturas, o que ele fez? Quando conseguiu juntar uns trocados, o que ele escolheu comprar? Um sabonete.

Catarina, talvez um dia, daqui a alguns anos, você volte a me olhar nos olhos e a dizer: “A menina... quebrou”. Ou: “Eu... quebrei”. E talvez você me pergunte como continuar ou por que continuar, mesmo quebrada. E eu vou poder lhe dizer, Catarina, pelo menos uma verdade: “Por causa do sabonete”.

O varal do piá Francisco

Escrevo estas palavrinhas olhando pela janela uma cena que acompanhará este escriba por muitos anos. No quintal do condomínio está o varal que acabo de colocar sob este sol de inverno. Francisco está cada vez maior na barriga da Celina, chutando e se mexendo como nunca. É tempo de deixar tudo pronto para a sua chegada. Há pouco pendurei as roupinhas dadas pelos amigos, parentes, companheiros do trabalho, gente que nos quer bem. Neste domingo de sol e vento, a Celina passou o dia lavando e passando as peças miúdas desta nova vida que já nos enche de emoção.

Francisco tem mais dois meses de barriga antes de enfrentar este mundo que tentamos melhorar a cada dia. Colocando os grampos nestas pequenas peças que em breve acolherão nosso piazinho, penso que um filho é sempre a soma de muitos desejos. A criança já existe antes do primeiro choro, dos primeiros chutinhos na barriga da mãe (e como tem chutado!), antes mesmo da concepção. Quando duas almas se encontram elas apenas respondem a um chamado anterior. E, se ele é verdadeiro, tudo flui suave como este vento que arrasta as folhas do quintal deste domingo.

Este pai quase quarentão que pendura as roupinhas no varal sorri ao perceber que o grampo é quase maior do que as meias. Há poucos dias me senti cheio de vaidade quando o médico fez uma brincadeira com o tamanho do órgão genital mostrado na ecografia. “Não vai passar vergonha”, garantiu o doutor. Celi-

na tirou os olhos da tela e piscou cúmplice para mim, sabendo o tamanho do sorriso que encontraria no meu rosto. Pequenas e grandes descobertas!

Como quem vigia os primeiros sons de uma criança, passei a tarde colocando roupinhas e mais roupinhas para secar. E mudando lugar, procurando deixá-las sempre embaixo deste sol arredio. Há pouco o vento derrubou tudo no chão. E lá se foi uma pesada pedra para calçar os pés do varal. Cuidados, carinhos, expectativas, sentidos e sentimentos que não ousaria explicar antes de vivê-los como agora. Em um varal sempre cabem muito mais coisas do que apenas roupas.

Uma criança nasce desta nossa necessidade de colocar um sentido além das palavras. Desde que nos descobrimos grávidos, praticamente não escrevi mais. Tenho cá um romance pela metade, alguns contos rascunhados, esboços que nem chegaram a ganhar o primeiro parágrafo. Este pequeno texto (talvez uma crônica confissão) é o primeiro que nasce depois de que tivemos o positivo do exame de gravidez. Quando um filho era apenas uma teoria para mim, imaginava que a fase me tocava a tal ponto de escrever páginas e mais páginas de um belo romance sobre a paternidade. Não está acontecendo assim. Belchior disse outro dia que viver é melhor que sonhar. E eu já sabia, caro poeta, que o amor é uma

coisa boa. Por isso hoje vi mais sentido em pendurar essas roupinhas no varal do que em muitas páginas já escritas.

Hoje me sinto a dois passos de receber este companheiro que irá nos guiar, nos ensinar, nos provocar. As nossas vestes, dos adultos, precisam da água, do sabão, do amaciante, para que a sujeira escoe ralo abaixo. Já as primeiras roupas de uma criança pedem este ritual para nos mostrar o quão suave deve ser a mão de quem traz ao mundo uma nova vida.

Luiz Andrioli



Dia de degelo

A geladeira antiga pede algumas horas de repouso. O congelador está desregulado desde muito e o gelo em excesso impede que a porta sem braço feche adequadamente. Retiro o fio desencapado da tomada parcialmente derretida e inicio meu percurso afetivo.

Tenho por minha geladeira antiga, suspeito presente de meus pais quando vim morar sozinho, um carinho fraterno. Quando passo alguns dias longe de casa sinto falta de seus ruídos característicos, de seus arrancos de morte e ressurreição, de seu peculiar maneirismo de congelar tudo sem piedade, exceto as cervejas da última prateleira. Nunca falta cerveja na geladeira. Eu e ela: – expiando a solidão.

Minha geladeira abriga poucos mantimentos. Não gosto de guardar comida. Quase tudo o que compro no supermercado é resguardado no armário da cozinha. Minhas refeições são poucas e exatas, não sobra. O dia de degelo exige pouco trabalho. Retiro uma conserva semiaberta de pepino, um pacote de azeitonas graúdas, quatro latinhas de cerveja barata, uma garrafinha de hidrotônico se fazendo de reservatório de água – congelada – um queijo esquecido – e com aparência talvez assustadora – um tubo de cola. Hoje é dia de lixeiro também.

O degelo de um habitante de uma casa vazia é lento, quase um cataclisma, a agonia de um mastodonte. A geladeira demora muito a pingar, nega a falta de vida, mas eis que de repente uma força bruta irrompe de seu âmago e começam a despencar imensos blocos de gelo, aquém da capacidade da bacia do congelador, invariavelmente inundando o chão.

Puxo uma cadeira marcada do primeiro verniz da sala e sento em frente à geladeira. Pego um livro de sonetos portugueses e aguardo as reflexões do eletrodoméstico desligado:

Somos eu e você, minha geladeira, imensos blocos de gelo que, invariavelmente, despencam e inundam o chão.

Daniel Zanella

MÉTODOS EFICAZES PARA DISFARÇAR RUGAS:



A biblioteca dos nossos filhos

Texto integrante da coluna *Palavrórios e Rabugices* da edição 212 (Julho, 2011) da Revista CRESCER

Há alguns anos, conversando com uma professora alemã que dava aulas particulares para alunos abastados de São Paulo, fiquei encafifado com um dos seus comentários. Ela relatou que achava estranho entrar em casas enormes, às vezes mansões, e não encontrar bibliotecas para os adultos e para as crianças. A professora me contou que era filha de operários e que na rua em que morou, numa pequena cidade alemã, todos tinham nas suas casas bibliotecas para os adultos e, pelo menos, uma estante para abraçar os livros infantis.

Pesquisas recentes dão conta de algo que já é sabido intuitivamente há muito tempo: famílias que têm mais livros em casa favorecem o desempenho escolar dos seus filhos. É evidente que somente ter o livro não ajuda, é preciso ressuscitá-lo. Ler em voz alta para seus filhos é construir pontes entre a escrita e o ouvido infantil, desejoso de fantasia.

Nos meus encontros com pais em escolas e no mundo, sempre ouvi alguns reclamando do preço alto dos livros, uma das justificativas para a não formação de uma pequena biblioteca familiar. Nessas ocasiões, sempre pergunto quanto dinheiro foi gasto no último celular que o filho de nove anos ganhou, ou quanto pagou no último par de tênis com molas supersônicas, que às vezes imagino ser uma centopeia, tamanha quantidade de pares que possui.

A lista de gastos com os pimpolhos é extensa: figurinhas, brinquedos, roupas, eletrônicos variados, etc. Mas quando vem um pedido extra da escola, ou da própria criança por um livro, é aquele rebuliço. O que está por trás desse processo é a importân-



Toco a Vida pelas linhas.

Hadna Abreu

cia que damos aos livros. O que eles têm a nos oferecer?

Lembro que, quando minhas filhas nasceram, já tinha uma quantidade enorme de livros em casa. Desde bebês elas manuseavam e ouviam as vozes dos pais contando histórias através de centenas de páginas coloridas. Quando elas começaram a engatinhar, as duas pegavam com dificuldade os livros e davam marcha à ré para sentar nos nossos colos. Elas descobriram desde cedo que o livro fazia com que os pais parassem o que estavam fazendo para dar-lhes atenção e que fazia os pais pronunciarem palavras diferentes das do cotidiano, palavras que contam histórias, com outro cheiro e ritmo, e que ainda fazia com que pais e filhos ficassem mais juntinhos. Ler uma história para seu filho é um ato de amor.

Um poeta já disse que o livro é um brinquedo que nunca gasta, carregando dentro dele a memória dos nossos encontros secretos ou compartilhados. Quando nossos filhos crescerem eles se lembrarão de algumas das histórias de suas bibliotecas ou estantes, e junto das narrativas estarão grudados afetos inquebrantáveis ligados à nossa presença em suas vidas.

Queria concluir com uma ressalva: ser leitor não é salvação da lavoura, a chave perfeita para um mundo melhor. Aliás, muitas atrocidades foram também cometidas por sujeitos cultos e leitores. Porém, aquele que se torna um leitor competente, mais consciência tem dos seus atos; por conseguinte, mais responsável é por tudo que faz. Espero que nossos filhos leiam o mundo e decidam trilhar os melhores caminhos.

Poema I

Poema integrante do livro *A Morte*, publicado em 2006 pela editora 7 Letras



Um risco no espaço. Depois um ponto. A sirene enrouquecida esgarçando a teia da noite. O desespero de uma boca vermelha. A mão que de repente se ergue por entre os lençóis e abona o relógio com um toque de dedos quase cegos. A cisterna no fundo do quintal, como está na alma a trave da ansiedade, como está o medo do não-ser, a inquieta sombra do que há de vir. A certeza de uma porta verdejando a noite e um olho seguindo o traço, estacionando no ponto, compreendendo na chegada da sirene que é hora de partir. Sobre a noite, sobre seus seios em resguardo, balança uma cortina de neblina. Algo passou por ali e deixou no movimento de brandura a marca de uma passagem.

Paulo Venturelli



DIVERSÃO E FORMAÇÃO EM UM SÓ LUGAR.

A FLIM é a Festa Literária do Medianeira. Uma festa para celebrar a leitura, essa atividade que há tantos anos vem tecendo a história das civilizações e dos seus indivíduos. **Confira nossos convidados para a FLIM 2013.**

Palestras:

Segunda, 21/10 - 19h30
 Ilan Brenman

Quarta, 23/10 - 18h30
 Eliane Brum

Sexta, 25/10 - 19h30
 Daniel Galera

Bate-papos:

Terça, 22/10 - 8h10
 Luiz Andrioli e Daniel Zanella

Terça, 22/10 - 10h10
 Ricardo Pozzo e Marcelo Sandmann

Quinta, 24/10 - 8h10

José Carlos Fernandes
 e Mariana Sanchez

Quinta, 24/10 - 10h10
 Priscila Vieira e Paixão

Quinta, 24/10 - 14h30
 Caetano Galindo e Benito Rodriguez

Sexta, 25/10 - 10h10 e 16h20
 Rogério Galindo e André Tezza

Sexta, 25/10 - 8h10 e 14h30
 Paulo Venturelli

Oficina de Criação Literária

Quinta, 24/10 - 16h20 às 17h40
 Ricardo Corona

Oficina de ilustração de haicais

Quinta, 24/10 - 16h20 às 17h40
 Ingrid Osternack

Show:

Sábado, 26/10 - 21h
 Juliana Cortes - CD-*Invento*

De 21 a 26/10.

Confira nossa programação completa:
www.colegiomedianeira.g12.br/blogs/flim2013

COLÉGIO
Medianeira



Rede Jesuíta de Educação

Porque outro mundo é possível

Linha Verde - Av. José Richa, 10546 - Prado Velho
 Curitiba-PR - CEP 81690-100 - (41) 3218-8000
 colmedianeira - www.colegiomedianeira.g12.br